

10-2003

## Conclusão do Jubileu Espiritano em Portugal

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

---

### Recommended Citation

(2003). Conclusão do Jubileu Espiritano em Portugal. *Missão Espiritana*, 4 (4). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol4/iss4/18>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## CONCLUSÃO DO JUBILEU ESPIRITANO EM PORTUGAL

Registamos também nesta secção da nossa revista, pelo interesse histórico de que se revestem, as palavras proferidas pelo Provincial, P. Eduardo Miranda, nos dois momentos conclusivos da celebração dos 300 anos de fundação da Congregação: a sessão solene em Braga, no dia 6 de Junho e a celebração de encerramento na Torre d'Aguilha, no domingo de Pentecostes, dia 8 de Junho.

“Cláudio Poullart des Places, na festa do Pentecostes de 1703, sendo apenas um aspirante ao estado eclesiástico, começou a fundação da Comunidade e do Seminário consagrado ao Espírito Santo, sob a invocação da bem-aventurada Virgem Maria, concebida sem pecado”<sup>1</sup>. Esta é a certidão de nascimento da Congregação do Espírito Santo, como se encontra nos registos mais antigos dos nossos arquivos. Depois da celebração da festa do Pentecostes, na igreja de St. Etienne des Grês, em Paris, Cláudio e, com ele, 12 estudantes pobres, consagraram-se na capela de Nossa Senhora para levar o Evangelho aos pobres e foram viver para a casa que tinham alugado na rua des Cordiers.

Aquele pequeno grupo de estudantes pobres é hoje uma família com 3.000 membros espalhados por 60 países nos cinco continentes.

Estamos aqui reunidos não para mostrar o valor que temos como uma Congregação digna de respeito mas para louvar o Senhor e dar-lhe graças por um movimento missionário que nestes 300 anos tem sido amado por Deus e impelido pelo seu Espírito.

É a primeira vez que nos é possível celebrar um dos nossos centenários. Em 1803, porque a Congregação tinha sido dissolvida em 1792, pela onda da Revolução Francesa, os seus bens foram confiscados e os estudantes dispersos. Os membros da Congregação tiveram que fugir: uns para a Suíça, outros para a Itália, e outros ainda para Inglaterra e Estados Unidos. Não foi possível, portanto, celebrar o primeiro centenário.

Cem anos mais tarde, em 1903, exactamente como em 1803, uma outra grave crise ameaçava o coração da Congregação. A perseguição mandatada pelo primeiro-ministro francês, Emile Combes, um anti-clerical renhido, declarou ilegais 44 institutos religiosos, incluindo no número a Congregação do Espírito Santo. 12 casas espiritanas foram fechadas, mas a sagacidade do Superior Geral de então, Mons. Le Roy, conseguiu salvar a Congregação. A celebração desse centenário resumiu-se a uma circular do Superior Geral e uma novena de oração a preparar o Pentecostes.

<sup>1</sup> Michel, Claude-François Poullart des Places. Paris, 1962, p. 139. O documento data de 1734, mas cita um registo antigo, actualmente perdido.

Hoje, pela graça de Deus, pudemos viver este centenário com a celebração de um Ano Espiritano, com diversas iniciativas, a que se associaram não só o Santo Padre como toda a Conferência Episcopal Portuguesa. O Santo Padre, depois de ter enviado à Congregação uma mensagem especial, acaba de receber todo o Conselho Geral dos Espiritanos. Os bispos de Portugal, além de terem participado, nas suas dioceses, nas diferentes celebrações do centenário, tiveram a gentileza de escrever uma Nota Pastoral de estímulo e de congratulação, intitulada «*fazer-se ao largo, com a Força do Espírito*».

Recordar estes 300 anos é reavivar a memória de cerca de 15 000 missionários que deram a sua vida pela causa da Evangelização.

Celebrar 300 anos é percorrer as grandes etapas de uma longa peregrinação: a missão no Extremo Oriente, quando a Congregação ensaiava os primeiros passos para as missões distantes; a missão da Acádia (quando na América do Norte o grito missionário era o mais urgente daquele tempo); a missão da Guiana e da América do Sul (onde está o povo de todas as opressões); a missão das Duas Guinés, (missão do interior desse continente mistério que os exploradores acabavam de desvendar), onde a nova África despontava; a missão da Europa em busca da sua própria identidade cristã e, ultimamente, a missão da Ásia, o continente de todas as culturas, de todas as religiões, de todas as pobreza e expectativas.

Celebrar 300 anos é recordar todas as situações de missão que definiram a nossa maneira de ser e nos ensinaram a ler o Evangelho: o encontro com as mais diversas culturas, a fundação de igrejas locais, a luta pelos direitos dos povos e pela sua dignidade, a opção pelos excluídos e mais abandonados, a aposta na juventude e na formação da pessoa.

Celebrar 300 anos é também fazer memória dos massacres, dos naufrágios, das mortes prematuras, dos sonhos desfeitos. Nos primeiros cem anos da sua história a média de vida dos Missionários Espiritanos foi de 30 anos; só o naufrágio do Afrique, em 1920, sepultou no mar 15 missionários com o bispo Mons. Jalabert. Em Angola só de 1961 para cá, foram mortos 7 espiritanos, 40 missões foram ocupadas e 20 fechadas.

Recordar esta história é apelo a purificar a nossa memória pelos erros cometidos e ouvir a voz dos santos e profetas que nos precederam: o P. Pierre Maillard, o defensor dos índios da Acádia; o P. Lanoué, o apóstolo lendário da Guiana; o P. Le Guennec e os refugiados sem terra; o Beato Tiago Laval e os escravos da Maurícia; Mons. Shanaham e os igbos da Nigéria; o Beato Daniel Brottier e os órfãos de Auteuil; o P. Joaquim Alves Correia e o serviço corajoso do Evangelho e da Democracia.

A constante que acompanhou a Missão Espiritana ao longo da sua história foi a opção pelas periferias ou como dizem as nossas fontes «os mais pobres e abandonados». O rosto destes pobres foi-se diversificando ao longo destes 300 anos: os estudantes pobres que não tinham meios para se formarem no sacerdócio, no tempo das origens; os índios das Américas; os escravos da África; os negros do tempo colonial; as crianças da rua; a for-

mação do clero indígena; os emigrantes, os deslocados de guerra e os refugiados dos tempos actuais. A escravatura, a colonização, o liberalismo nascente, o imperialismo cultural do Ocidente foram desafios com que a Missão Espiritana teve de se confrontar.

A formação das igrejas locais e do clero indígena foi uma fronteira em que os Espiritanos investiram o melhor das suas forças. Foram eles que encheram de seminários diocesanos a África inteira. Até 1910 todos os padres nativos do continente africano, provinham dos Seminários Espiritanos, excepção feita a dois sacerdotes do Natal. Nos 150 anos depois da chegada dos Espiritanos à África, quase todos os bispos africanos tinham sido formados pelos Espiritanos.

Durante estes 300 anos os Espiritanos viveram momentos particularmente difíceis. As convulsões políticas e sociais em que a Europa se envolveu, entre as quais sobressai a Revolução Francesa, as guerras liberais e a supressão das ordens e congregações religiosas, as guerras coloniais, as duas grandes guerras mundiais, as revoluções nacionais ... com tudo isso teve que lidar a Missão Espiritana. A Congregação foi suprimida duas vezes, foi ameaçada de extinção várias vezes, foi extinta em Portugal em 1910, silenciada na Polónia e na Alemanha durante a segunda guerra mundial.

Os Espiritanos foram ainda pioneiros na promoção e diálogo cultural, sobretudo no estudo da linguística local, na antropologia, na etnologia, na botânica e na geografia descritiva. Só de literatura africana escreveram os espiritanos mais de 500 obras em 70 línguas. As obras científicas dos Espiritanos em Angola, de que é justo destacar o etnólogo de renome internacional, o P.Carlos Estermann, foram estudadas e recolhidas pelos museus Botânicos e de História Natural das universidades de Coimbra, Lisboa, Paris, Londres, Berlim, Montpellier. A "*Monumenta Missionaria Africana*", obra de altíssimo valor para o estudo da África dos séculos XVI e XVII, da autoria do historiador espiritano P. António Brásio, ficará finalmente completa com a publicação do VII volume, o que foi possível devido a uma parceria Espiritanos, Centro de Estudos Africanos da Universidade de Coimbra e o Comité Português do projecto UNESCO (*A Rota do Escravo*) sediado na Faculdade de Letras de Lisboa.

Os Espiritanos vieram para Portugal em 1867 com o intuito de formar missionários para evangelizar Angola. Foi em Portugal que se formaram gerações sucessivas de missionários, padres e irmãos auxiliares, que foram os grandes cabouqueiros da Igreja em Angola. De facto, foi sobretudo neste país que a sua acção missionária contribuiu de modo decisivo para a consolidação da igreja local, nomeadamente pela formação do seu clero e para a promoção humana e social do povo angolano no âmbito da educação e da saúde.

Em Portugal, sobretudo a partir de 1937, ano em que se fundou a Liga Intensificadora da Acção Missionária, o seu contributo directo na Igreja portuguesa tem-se desenvolvido sobretudo na animação espiritual e mis-

sionária das nossas igrejas, na formação missionária da juventude e no acolhimento e assistência aos emigrantes. Ultimamente a formação de leigos para a missão e a promoção do voluntariado missionário, bem como a animação de grupos missionários de jovens nas paróquias, tem-nos merecido uma atenção especial. Porém, este trabalho não teria sido possível se não fosse uma nova visão de Missão que nos faz realizar a Missão de forma partilhada com as igrejas locais onde estamos inseridos e com os Institutos Religiosos Masculinos e Femininos, particularmente os que têm a sua especificidade *Ad Gentes*. É por causa desta corresponsabilidade que vemos e agradecemos a presença, hoje e aqui, de alguns párocos, vários/às provinciais, assim como dos/das que fazem parte da Família Missionária Espiritana: nossos jovens em formação, amigos, colaboradores, benfeitores e leigos congregados na LIAM, JSF, MOMIP e ASES.

Quisemos centrar as cerimónias da conclusão do Jubileu em Lisboa e Braga. Lisboa, foi sempre um ponto de referência obrigatória para a Missão Espiritana. Como porto de partida dos missionários, quase desde o princípio sentimos necessidade de aqui criar uma Procuradoria das Missões que servisse de apoio aos missionários que partiam, de acolhimento aos que chegavam e de acompanhamento do seu trabalho junto das autoridades governativas ou sanitárias. Outras casas de formação como Sintra (parte da actual cadeia de Linhó), para Escola Profissional de Formação de Irmãos Auxiliares; Carnide e Torre da Aguilha como seminários de Teologia nasceram precisamente por se situarem na zona de influência da capital.

[A presença do Senhor Presidente da Câmara de Cascais e da representação do Senhor Presidente da Câmara de Lisboa, que muito agradecemos, muito nos honram e nos inspiram a visitar muitos rostos que recordamos por inesquecíveis gestos de generosidade e carinho pela obra missionária. A partir das casas da Estrela, em Lisboa e da Torre da Aguilha, em Cascais, conhecemos amigos que nunca mais esqueceremos, dedicações que fazem parte do nosso património espiritual e afectivo: autoridades eclesiásticas, entidades governativas, médicos, conselheiros, juristas, empresários, benfeitores anónimos muitos amigos, que são parte integrante destes 300 anos da nossa história. Nada do que foi feito, teria sido possível sem a sua, sem a vossa colaboração].

Braga é-nos particularmente grata porque foi ela que nos abriu as portas e que sempre nos amparou nas horas mais difíceis. O Colégio do Espírito Santo foi um marco na promoção de muitas gerações de estudantes. Algumas das mais insígnias figuras não só dessa cidade mas de todo o país, nele receberam a sua formação de base. Depois de 1920, o seminário do Fraião ficou a ser o berço que uniu indelevelmente cada um dos Espiritanos - praticamente todos por ali passaram. É a Braga, a essa cidade que devemos o primeiro movimento da Congregação do Espírito Santo em Portugal e a sua histórica presença.

A celebração deste tricentenário não foi «viajar» pelos Arquivos da Congregação. A fidelidade criativa aos nossos Fundadores e à nossa história, não é um regresso ao passado. Melhor seria falarmos de um «regresso ao futuro». O Espírito do Senhor abre-nos sempre à novidade de Deus. Neste Ano Espiritano quisemos também reflectir sobre os caminhos com que o futuro nos desafia. A missão define-se hoje menos por um movimento geográfico e mais por novos objectivos: o espírito de Assis, (diálogo inter-religioso), novos espaços da Justiça e da Paz, diálogo cultural feito de intervenção respeitosa, mundo da mobilidade e mudança, abertura à Ásia, enfim o reconhecimento das «sementes do Verbo» já presente nas culturas ... As comunidades internacionais e interculturais dão um novo rosto à Congregação. A Europa acolhe Espiritanos do Sul e os Espiritanos Europeus lançam projectos (apoio a emigrantes, toxicodependentes, sem-abrigo ...) que significam que há hoje verdadeiramente uma Missão Espiritana a realizar na Europa.

No meio destes desafios de hoje há um que é partilhado por todos os Institutos Religiosos que têm no seu carisma inscrita a dimensão missionária e, por pessoas e grupos envolvidos na dimensão missionária. No momento em que estamos na eminência de ver aprovada e assinada a Concordata revista, e em que compreensivelmente o Acordo Missionário verá o seu fim, perguntamo-nos como ficará salvaguardado e potenciado o património missionário da nossa Igreja Portuguesa e dos Institutos ou instituições que se dedicam à missão, particularmente nos países lusófonos. Será que ao fim de séculos de tão rica história missionária, a continuidade do labor missionário, para além da sempre exigida motivação evangélica, só será viabilizada pela via da cooperação estatizante ou haverá um reconhecimento efectivo da especificidade da acção da Igreja e dos Institutos Religiosos e Missionários?

No nosso peregrinar encaramos os desafios como fazendo parte do dinamismo do nosso «regresso ao futuro». Eles habitam-nos e trazemo-los para os rezarmos também.

Um dos nossos historiadores, Henry Koren, recentemente falecido na América, refere que um historiador jesuíta, em 1986, escreve que "entre os Institutos religiosos, poucos tiveram uma história tão extraordinária como os Espiritanos". Mas, continua ele, "ela é extraordinária não tanto por ser uma parte autêntica da história profana, mas porque mostra bem aquilo que o Espírito pode realizar através de homens de boa vontade, apesar da sua fragilidade e incompetência, apesar dos obstáculos e contrariedades levantadas pelo refluxo da história"<sup>2</sup>.

Obrigado a todos, aos que estão e a todos aqueles que por motivos de última hora não podem aqui estar, mas estão em espírito – não vou apresentar nomes para não correr o risco de me esquecer de alguém – por terdes respondido ao nosso convite para virdes dar graças connosco por estes

<sup>2</sup> H. Koren, Essai sur le charisme spiritain au fil de l'histoire, in Mémoire Spiritaine - études et documents n<sup>o</sup> 4, Paris, p. 172

300 anos de Missão. Rezai connosco e por nós, como o fazem os bispos portugueses no final da Nota Pastoral sobre este tricentenário: "o Espírito Santo, que no dia do Pentecostes desceu sobre os Apóstolos, derrame sobre cada um dos membros desta benemérita Congregação, a abundância dos seus dons, para de novo se fazerem ao largo".

P. Eduardo Miranda Ferreira  
*Superior Provincial*

3 5282 00646 4013